

Poemas de Vera Lúcia de Oliveira*

Do livro *Geografie d'Ombra*, Fonèma, Veneza, 1989.

Profano as coisas

Profano as coisas por amor
crio rachaduras
invento olhos e palavras
dentro de mim as coisas não sobrevivem
grudam desesperadas no muro
e rudes
no tempo
rabiscam formas
de lucidez

O mar e o brejo

Para Gladys

Não é no mar que deponho as redes
não é âncora
o maciço do mar
o mar não projeta o gesso das urnas
o mar rasga as cicatrizes
corrói as agulhas

Não conhece demora o mar

Não foi olhando o mar que aprendi a retalhar as palavras
no silêncio pesado da casa
cavoucando na cidade

* Professora de Literatura Portuguesa e Brasileira na *Università degli Studi di Lecce*, Itália.

as doenças do charco
sonhando cemitérios menores para sofrer a evasão
das coisas
da seiva

Buracos que as goteiras afundavam
e o chão acalentava como uma coisa que se deve inchar
que deve por destino absorver o brejo

Por isso estou diante do mar como quem tem medo
como quem engole com pressa os remendos
as pedras
os estiletes que o mar no seu movimento corrói

O direito ao esquerdo

até prova contrária
não amassem o corpo de pegadas
não agucem a espera da morte
não contaminem a propensão à luz
não passem rolo compressor
nas palavras da alma
não decretem que não existe
até prova contrária
o direito ao esquerdo

O filho

o filho do teu filho
vai condecorar o peito
de um assassino
ou fuzilar o pai
o filho do teu irmão
vai derrubar florestas
decretar a lei marcial
arrastar a mãe na prisão

os filhos dos filhos
estão decidindo se viverás ou não
para concebê-los

Canção de exílio às avessas

cidade antiga
cansaço pulsa e corta o tempo
presente

chão arado pelas guerras
consumido pelas horas
produz e expande erva daninha na fecundidade
mutilada

caminho outro país
olho outros rostos
sinto outras raivas

apodrecer em outro país
é uma dor que não satisfaz nunca

Rodas

minha infância era cheia de trens
também minha adolescência
se encheu de rodas

de manhã acordo
aprendo:
vida está
é paralisia é o nome mais doloroso que tem a morte

Gênese de Miró

para Miró
o mundo voltou a ser
menino
com suas linhas e formas
primordiais
menino-pássaro
menino-lua
e o olho absorto de Deus
se distrai da nova gênese

no húmus da tela
o sopro
dos primeiros traços
separa as cores
do caos